

João Mendes Ribeiro

2.1. Entre a experimentação e a aproximação à realidade da prática – Notas

Entre a experimentação e a aproximação à realidade da prática – Notas sobre a Sessão 2 do colóquio “Ensinar pelo projecto”

As comunicações apresentadas no colóquio “Ensinar pelo projecto”, no âmbito da sessão “Entre a experimentação e a aproximação à realidade da prática”, envolveram conteúdos diversos e, virtualmente, divergentes, o que torna difícil a elaboração de um texto de síntese. Contudo, da sua análise, ocorrem duas interrogações essenciais que podem ser entendidas como opostas ou complementares.

A primeira questão, envolve os conteúdos temáticos da disciplina de Projecto e se esta disciplina deve valorizar a consolidação metodológica do acto projectual e o desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica sobre a prática do projecto, numa perspectiva de aproximação ao contexto real. Esta via baseia-se na simulação da prática profissional e privilegia o projecto como síntese da relação disciplinar entre lugar, contexto, programa e construção.

A segunda via, preconiza um ensino de projecto, tendencialmente experimental, envolvendo pesquisas complementares num quadro mais vasto e, por ventura, extra-disciplinar, das ciências e tecnologias à arte, da história à sociologia, ao urbanismo, etc. Este modelo não passa necessariamente pela resposta a um programa concreto de intervenção, para um lugar ou um contexto específico, nem tão pouco representa uma abordagem tradicional das metodologias e exercício de projecto. Propõe pelo contrário, uma aprendizagem e uma concepção alternativa da arquitectura a partir duma perspectiva eminentemente experimental e especulativa, de assumido potencial pedagógico.

A hipótese colocada na sessão do colóquio, foi justamente a da articulação das duas vias, filtrada, contudo, pelo discurso e conhecimento dos docentes, a partir da sua práxis, enquanto arquitectos/projectistas operando no terreno. A transmissão do saber e experiência decorrentes dessa prática, por meio da sua transposição para uma metodologia e uma sistematização do processo de projecto, constitui *per si* uma matéria de especialidade, de inquestionável valor científico.

A metodologia seguida nas escolas de arquitectura em Portugal, assenta, sobretudo, num modelo de investigação baseado na prática profissional (“practice based research”). Este é, actualmente, um tema recorrente na investigação em Projecto, colocando à comunidade académica novos desafios quanto aos modelos e linhas de investigação em arquitectura.

Mais, concretamente, esta metodologia relançou a questão do papel dos especialistas dentro das escolas (considerando nesta caracterização os projectistas que, nas escolas, usam a sua práxis como matéria científica) e dos arquitectos (docentes e investigadores) junto dos meios de produção.

Jorge Spencer

O lugar do projecto no final do 1º Ciclo de Bolonha

O novo lugar ocupado pela disciplina, no final de um primeiro ciclo de aquisição de conhecimentos básicos sobre a cultura e a prática da arquitectura – a nova licenciatura pós-Bolonha – impõem-lhe a necessidade de um fecho, em que os alunos tenham a oportunidade de uma demonstração cabal e completa, não só do domínio de competências básicas de projecto para a resolução dos problemas com que sucessivamente se confrontam, mas também da sua problematização num quadro mais vasto.

É neste sentido que os seus programas, não se devem centrar unicamente na formulação de um problema de projecto e nos termos da sua resolução. Devem sim constituir um conjunto de oportunidades de trabalho e pesquisa complementares, das tecnologias, à história da arte, da arquitectura ao urbanismo, ancoradas em períodos específicos de estudo e investigação. Do ponto de vista dos conteúdos temáticos, os objectivos da disciplina, devem consolidar e sistematizar o trabalho de projecto enquanto aproximação à prática profissional, cuja simulação mais estrita apenas se deverá experimentar no segundo ciclo de formação.

Nessa consolidação e sistematização, entende-se que a prática da arquitectura (a resolução de um problema) deva ser experimentada no quadro de uma teoria da arquitectura (reflectir sobre uma problemática). Por outras palavras, a solução a projectar não deve decorrer, em sequência simples ou directa, do problema que o projecto coloca através apenas donexo de um *Sítio* mais um *Programa*, operado através do uso de um conjunto de ferramentas, técnicas, figurativas,

de boas práticas regulamentares, etc., mas sim da possibilidade de o conceptualizar, ou seja, de o compreender não apenas nos limites que ele parece colocar mas, transcendendo esses limites, de o englobar e relacionar com *famílias* de problemas mais gerais (Lameiro, 2010).

É neste quadro que procurarei produzir aqui, no âmbito de um debate dedicado a "*Programas e Temas*", uma necessariamente breve reflexão sobre algumas estratégias didácticas específicas aplicáveis ao ensino do projecto neste momento de mudança de ciclo, (neste caso na disciplina de Projecto do 3º ano, fecho do 1º Ciclo) de modo a procurar contribuir para a discussão sobre os caminhos pelos quais o ensino do projecto pode constituir-se como um modo privilegiado de desenvolver as capacidades de promover processos críticos de interpretação e formulação do mundo construído.

Nesse sentido, tenho-me pronunciado sobre a necessidade de se alterar o clássico processo de ensino reactivo, no qual o professor a partir de um posicionamento algo demiúrgico, responde às propostas desenvolvidas pelo aluno.

Em alternativa, tenho alinhado com a ideia de que a transmissão aos alunos de um conjunto de conteúdos, chamemos-lhes doutrinários, (ainda que não prescritivos), antes mesmo que estes iniciem a sua fase propositiva, pode contribuir para um mais rápido enriquecimento de um quadro cultural e conceptual, a partir do qual se possa operar de um modo mais eficiente.

E aqui não se pode deixar mais uma vez de acentuar esta questão da eficiência, que ganha um maior relevo face a uma aparentemente

inexorável degradação dos rácios docente/aluno ou à progressiva compactação dos tempos disponíveis para o processo de ensino, anteriormente baseado nos longos e pachorrentos ciclos de tentativa e erro.

Mas procurando incorporar o enfoque particular que como questão de partida se coloca a esta secção do debate, “entre a experimentação e a aproximação à realidade da prática”, gostaria de dizer que entendo que a questão não se pode colocar do mesmo modo ao longo de todos os ciclos de formação.

A clara divisão dos ciclos que a reforma de Bolonha nos trouxe, diferencia justamente o que pode e deve ser o entendimento e o papel da *experimentação* e da *realidade* no processo de ensino e de aprendizagem da Arquitectura. Como a outra face da mesma moeda, esta mesma questão serve para dirimir o papel e o lugar dos docentes profissionais (os académicos) e os profissionais docentes (os arquitectos convidados). Mas esses são temas que não cabem no âmbito deste debate e não vou discorrer por aí...

Retomando, importa portanto distinguir entre uma concepção da prática de projecto como o lugar de uma mera síntese intuitiva de conhecimentos obtidos nas disciplinas da teoria, da história, das humanidades, das tecnologias, etc., e, em alternativa, a de uma prática de projecto desenvolvida no âmbito de uma *doutrina* de projecto, ela sim formada e enriquecida pelos conhecimentos de outras áreas. Quero com isto dizer, que compete então especificamente aos docentes de Projecto, a formulação e o estabelecimento dessa doutrina, que enquadrará e se constituirá desde logo como a base de partida para a prática na disciplina. Neste contexto, a identificação de um conjunto de conteúdos e categorias de observação específicas, no âmbito do desenvolvimento do tema de projecto, através de tarefas críticas autónomas, pode ser entendida como uma estratégia para delimitar os problemas e simplificar a sua compreensão, de modo a antecipá-los teoricamente, criando modelos parciais da realidade, clarificando facetas da sua complexidade (Spencer, 2012).

A título de mero exemplo, mostro-vos o resultado de um desses trabalhos preparatórios que cumprem esse papel no interior da cadeira de projecto, em antecipação de um exercício semestral sobre o tema da habitação colectiva, que sendo desenvolvido pela primeira vez no percurso dos alunos, pretende-se apesar de tudo que atinja o máximo de aprofundamento com a rapidez possível (*fig.1*):

A implementação deste trabalho, a desenvolver em grupo, pressupõe por parte do docente uma escolha criteriosa de um conjunto de casos de estudo, genericamente relacionados com o tema da habitação colectiva, seleccionados em função da capacidade que tenham de suportar didacticamente o trabalho sistemático de análise, interpretação e crítica por parte dos alunos. Estes, organizados em grupos de 3 a 4 alunos, deverão produzir dois painéis, um sobre a questão tipologia/morfologia, e o outro sobre a questão “Linguagem” (*fig.2*). No final, obter-se-á um conjunto alargado de painéis, que deverá permanecer acessível para consulta ao longo do semestre.

Os alunos deverão produzir registos gráficos e fotográficos capazes de tornar evidente o seu entendimento de determinadas categorias de observação/análise propostas pelos docentes.

Tipologia/Morfologia

Sistema de replicação e agregação

a) Uma planta e uma secção vertical, relacionadas, que evidenciem o alojamento como unidade replicável e que explicitem a estrutura que organiza a sua repetição e agregação

Sistema distributivo e lugares singulares

a) Uma planta e uma secção vertical, relacionadas, que evidenciem o sistema de espaços que suportam ou protagonizam a distribuição do edifício

Forma/estrutura

a) Uma planta e uma secção vertical que evidenciem a posição e a repetição dos elementos de suporte físico, evidenciando ainda o reconhecimento de uma malha estrutural e registando a sua geometria;
b) Uma axonometria que expresse claramente a relação entre a definição formal e a estrutura do seu suporte físico.

Organização interior dos alojamentos

Plantas e/ou cortes que explicitem a articulação dos espaços distintos:

- a) quanto à sua posição: exterior, de transição, interior;
- b) qualificando-os como de passagem, de permanência, ou como ambivalentes;
- c) distinguindo os espaços servidores e espaços servidos;
- d) identificando os factores que os marcam como públicos ou como privados.

A cada categoria de análise deverá corresponder uma representação diagramática, na escala 1:500 ou aproximada, produzida a partir dos elementos gráficos analisados. Para além das representações indicadas para cada categoria, poderão ser apresentadas outras formas de registo que revelem maior eficácia/adequação face à especificidade do edifício analisado.

“Linguagem” em edifícios de habitação

Relação dos edifícios com o espaço público

- a) Posicionamento e caracterização da transição Rua/Entrada.
- b) Caracterização dos espaços de transição público/semipúblico/privado
- c) Idem dos espaços exteriores colectivos e individuais.

Elementos arquitectónicos de conjunto

a) Registos fotográficos gerais das fachadas do edifício (Sul, Norte, rua, logradouro, frente, tardo, de topo ou outras), relacionados de modo a pôr em evidência a relação entre as diferentes fachadas, a sua condição particular, e a definição formal do conjunto.

S

- b) Registos fotográficos reveladores de matrizes definidoras das fachadas.
 c) Registos fotográficos do coroamento do edifício, do seu contacto com o solo, e de outros acontecimentos de formalização singular, articulados criticamente de modo a pôr em evidência a relação entre os diferentes acontecimentos na definição formal do conjunto.

Elementos arquitectónicos particulares

Registos fotográficos parciais, articulados de modo a tornar evidente uma leitura conceptual da sua relação:

- a) Elementos recorrentes nas fachadas (vãos, varandas, planos, grelhas, elementos estruturais...);
 b) Elementos singulares de fachada;
 c) Materiais definidores da materialidade epidérmica do edifício;
 d) Cores utilizadas;
 e) Elementos complementares de fachada, desenhados à escala da mão (guardas, puxadores...)

Todas as fotografias deverão ser registadas pelos alunos, in situ. Esta utilização da fotografia, deve também permitir desenvolver uma reflexão crítica sobre as capacidades e limites deste meio, escolhendo criteriosamente o ponto de vista, o enquadramento, a profundidade perspéctica (ou a sua ausência), o período do dia e as condições de luz, que melhor evidenciem as ideias construídas sobre os factos observados.

A abordagem a cada um desses conteúdos ou categorias de observação, leva os alunos a conceptualizar as coisas de outro modo, produzindo-se portanto uma ruptura epistemológica com o processo de ensaio e reprodução intuitiva de modelos, inscrito na tradição.

A arquitectura do quotidiano

Face ao que se expôs anteriormente, os exercícios propostos para a perseguição dos objectivos pedagógicos e didácticos envolver-se-ão com o tema da Habitação Colectiva na cidade (fig.3). Para além da importância deste modelo programático na arquitectura, numa época de permanente solicitação mediática para os factos e objectos excepcionais e singulares, pretende-se dar visibilidade às arquitecturas correntes e de acompanhamento. Importa entender a cidade como um *continuum*, no qual, quando projectamos, nos inserimos num discurso há muito iniciado e com muito por desenvolver.

Na verdade, o confronto com os problemas do quotidiano, permite-nos enriquecer a compreensão do quadro mais alargado em que se formulam e decidem as questões da arquitectura, através da referenciação de questões como sejam as da multiplicidade de modos de vida face aos gestos e actividades que todos os dias repetimos (liberdade versus regra); as alterações nas relações de trabalho, que conduzem a uma alteração das especializações dos edifícios e da cidade (flexibilidade versus rigidez); o constante desenvolvimento da componente industrial da arquitectura (produção versus criação); a necessidade de estancar a expansão urbana,

(reabilitação versus urbanização); ou finalmente a importância crescente da envolvente ambiental e dos níveis de conforto físico e psicológico que a ideia de vida doméstica presume (natureza versus artefacto).

Embora evidentemente não se pretenda dar resposta a todas estas questões suscitadas pelo tema, a este respeito os projectos a desenvolver deverão considerar o ponto de vista da sua sustentabilidade, energética, económica, ecológica, cultural e social. Apesar da complexidade associada à consideração destes aspectos, ainda que de um modo genérico, não podemos deixar de considerar desde já uma atitude responsável quanto às condições que nos devemos impor para projectar o que quer seja, onde quer que seja (Lameiro, 2010).

E para terminar retomando a questão colocada à mesa, "Entre a experimentação e a aproximação à realidade", eu diria que qualquer resposta à pergunta implícita nesta frase teria que procurar reflectir sobre o perfil final da formação dos novos arquitectos que pretendemos formar.

E para isso deixo-vos com um conjunto de respostas recentemente produzidas pelo *European Network of Heads of Schools of Architecture (ENHSA) – LA*, portanto a sua congénere associada da América Latina, após uma reunião plenária que teve lugar recentemente, à pergunta:

Quais os valores em que se devem formar os arquitectos do futuro?

Um ensino da arquitectura baseado em *multi-layers*.

Uma capacidade de expressão do arquitecto em contextos interdisciplinares como especialista na sua profissão, mas em que compreenda a importância do conhecimento das outras disciplinas.

Uma sensibilidade pelos valores da sociedade e a cultura

Um compromisso com uma conduta ética

Uma educação baseada no carácter prático do projecto e a sua comunicação, com a necessidade de o aplicar em contextos cambiantes.

Uma educação baseada na investigação

Formar cidadãos-arquitetos

Profundas capacidades para o entendimento do trabalho intercultural

Claramente os caminhos para estes destinos terão que ser encontrados por linhas alternativas às práticas da docência contemporânea...

É que na discussão do lugar destes diferentes interlocutores do processo de ensino, terá que se colocar finalmente a questão das competências docentes e da investigação sobre o ensino do projecto, para melhoria dessas condições de eficiência e profissionalização da docência.

O

G

I

I

R

A

Referências bibliográficas

Lameiro, C., et al. (2010), *Programa da UC Laboratório de Projecto II, III*. Lisboa: FAUTL.

Spencer, J. (2012), *A arquitectura, ensina-se? (notas de um debate que chegou a ser)*, JOELHO, 3, 119-121.